OS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO E OS DESAFIOS DAS ESCOLHAS PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Andréa Regina de Carvalho Gomes[1]

Vilmar Malacarne[2]

RESUMO: Trabalhando e observando os alunos do Ensino Médio do Colégio Eduardo Suplicy, na cidade de Francisco Beltrão, pôde-se perceber a necessidade de desenvolver algumas estratégias para orientar os educandos no processo de escolhas para a continuidade dos estudos via curso superior ou profissionalizante. Neste sentido, nos deparamos com sérios problemas de adaptação social do educando que, por um lado sente a necessidade cada vez maior de se tornar crítico e transformador e, por outro, sente-se perdido com a quantidade de informações que recebe sobre as opções para a formação continuada. Estes e outros fatores dificultam ou até impedem a escolha, por parte do estudante, do caminho a seguir, na busca por uma formação mais adequada para seu tempo, principalmente se levarmos em conta a idade desses alunos e o perfil educacional que tem sido dado atualmente aos alunos do Ensino Médio. Assim, este trabalho apresenta algumas reflexões sobre estratégias de ação que foram desenvolvidas com alunos do terceiro ano do ensino médio para se trabalhar este momento de indecisão destes alunos auxiliando-os na escolha profissional mais adequada.

PALAVRAS - CHAVES: Ensino Médio. Escolha Profissional. Formação Continuada.

ABSTRACT Working and looking at the high school students of the “Colégio Eduardo Suplicy”, in the city of “Francisco Beltrão”, in the Paraná state - Brazil, it becomes clear the necessity to develop some strategies to guide them in the process of choices for their extended education for technical or undergraduate studies. In this sense, we are confronted with serious problems of the students’ social adaptation: in one hand, they feel the increasing need to become critical and transformers and, on the other, feel lost with the amount of information received of all nature. These and other factors bring difficulties or even blockage for the choice of the way to be followed by the student, in the search for a more suitable formation for your time, especially if we take into account the age and the educational profile that currently has been given to them. This work presents some reflections on action strategies that were developed with the third year high school students, in order to assist them in this moment of indecision, and to help them in choosing the most appropriate professional career.

KEYWORDS: High School. Professional Choice. Extended Formation.

INTRODUÇÃO

Para melhor compreender os problemas que afetam a escolha profissional em relação a um curso superior ou técnico por parte dos alunos, principalmente do Ensino Médio, uma boa fundamentação a respeito das opções da formação continuada e da atual conjuntura educacional brasileira, e mesmo do local onde vivem estes alunos, se faz necessária. Este artigo apresenta algumas estratégias de ação que foram efetuadas para se conhecer as principais razões desta indecisão dos alunos no momento da escolha de sua futura profissão e também para que o professor

[1]Profª PDE - Pedagoga da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná. E-mail: dekasanto@hotmail.com

[2]Prof. Orientador. Doutor em Educação. Professor da Unioeste. Membro do Grupo de Pesquisa em Formação de Professores de Ciências e Matemática. E-mail: mala@unioeste.br

possa atuar de forma a colaborar com seus alunos na perspectiva de auxílio nesta escolha

É alto o percentual de indecisos em relação às opções de formação para o ensino de nível superior, ou mesmo técnico, que estudam no Colégio Estadual Eduardo Suplicy da cidade de Francisco Beltrão, no sudoeste do Paraná. Por isso, torna-se importante refletir sobre esta situação como forma de ajudar na orientação destes, neste processo, principalmente nas séries finais do Ensino Médio.

Os elementos aqui apresentados resultam de pesquisas com alunos, pais de alunos e professores do terceiro ano do Ensino Médio do Colégio citado e de estudos bibliográficos voltados ao tema tratado aqui. Por meio deste trabalho pudemos constatar que há formas de intervir positivamente neste processo e também de aplicar concretamente tais ações na prática docente.

METODOLOGIA E PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

A implementação deste projeto, ocorrida no Colégio Estadual Eduardo Suplicy, em Francisco Beltrão, no ano de 2008 e 2009, iniciou-se com a apresentação para a direção da escola, equipe pedagógica, professores, alunos e pais, da Unidade Didática, (ver Coll, 1996) parte integrante das atividades que seriam desenvolvidas. Esta atividade traz elementos que possibilitam clarear significados aos educadores e também estratégias de ação que servem como eixo delineador no processo de orientação pedagógica dos alunos para suas escolhas profissionais. Sendo assim, a Unidade Didática se tornou uma ferramenta essencial para a construção deste artigo.

A segunda etapa da implementação foi um questionário feito com os alunos do terceiro ano do Ensino Médio onde se perguntou, entre outras coisas, se já tinham idéia do que pretendiam fazer após concluir o Ensino Médio. As respostas foram variadas em relação às escolhas para o ensino superior. Houve um número considerável de alunos que se disseram interessados nos cursos de Engenharia Civil e Mecânica, sendo que estes cursos não existem, em nível superior, em Francisco Beltrão. Também há um número expressivo que se mostra interessado na área de saúde, principalmente no curso de Nutrição, ofertado em uma instituição privada no referido município. Ademais, foram citados os mais variados cursos de Ensino Superior. Não houve nenhuma referência, por parte dos alunos, aos cursos técnicos profissionalizantes de Ensino Médio. Eles têm noção do que se trata um curso profissionalizante mas, na realidade específica do Colégio Suplicy, não demonstraram interesse por eles. Isso nos levou, inicialmente, a constatar que os alunos, em sua maioria, pensam em cursar uma faculdade, ainda que alguns não saibam qual curso escolher.

Como terceira etapa foram questionados alguns professores com respeito às prováveis escolhas dos alunos para o Ensino Superior. Todos os professores entrevistados percebem os alunos um pouco "perdidos" com as várias informações que chegam até eles, mas não são bem trabalhadas.

Estes entrevistados consideram de grande valia que haja uma melhor orientação educacional aos alunos neste momento turbulento para o educando. Uma das entrevistadas disse que parece haver a "síndrome do pânico", situação em que os pais preferem pagar uma faculdade particular (mesmo que não seja o curso preferido pelo filho) a ter que mandá-los para outras cidades relativamente próximas que têm instituições públicas de boa qualidade. Alguns professores ainda citaram que até 2008 percebiam os alunos com muitas dificuldades em relação ao Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM e mesmo sobre como proceder para usufruir do Programa Universidade Para Todos - PROUNI.

Conversando com pais de alunos pudemos constatar a relação verdadeira entre seus anseios e o que os professores falaram sobre a "síndrome do ninho". Muitos querem seus filhos cursando o Ensino Superior, mas demonstram uma grande preocupação com os perigos das cidades maiores, onde existem mais opções de cursos superiores, inclusive públicas.

Na quarta etapa da implementação do projeto houve duas palestras com professores de uma faculdade de Francisco Beltrão para os alunos do terceiro ano. Uma sobre orientação profissional dos diversos cursos que a faculdade oferece e uma sobre informática. Conversando com os alunos depois da palestra pudemos perceber que a maioria deles fez bom proveito das orientações dos palestrantes sobre opções profissionais e mercado de trabalho. Porém, eles quiseram mais que isso e solicitaram uma visita a uma Universidade de Francisco Beltrão.

O quinto passo foi a visita à universidade com os alunos do terceiro ano. Juntamente com a professora de Português, acompanhamos os alunos e fomos recebidos pelos coordenadores dos cursos e outros professores da universidade. Foram vistos vídeos e palestras sobre a instituição, realizadas visitas aos laboratórios, sendo que em cada um o professor responsável explicava como funcionam as aulas práticas. Pela nossa avaliação e dos alunos, a visita foi muito proveitosa já que foi possível sanar muitas dúvidas assim como houve um aumento do interesse nos cursos depois de conhecer melhor seu funcionamento.

A sexta ação registrada foi o trabalho em sala de aula com vários textos com informações atualizadas sobre o ENEM e orientação profissional. A atividade foi produtiva. Sobre orientação profissional foram discutidos alguns textos relativos ao assunto, quando os alunos fizeram observações e tiraram dúvidas sobre os diversos campos profissionais e empregabilidade.

Na etapa final do registro das ações ocorreu a palestra com alguns integrantes (de várias profissões) de um clube se serviços de Francisco Beltrão. Vieram ao colégio alguns profissionais de diferentes áreas para conversar com os alunos do terceiro ano sobre seus cotidianos profissionais e tirar dúvidas sobre as referidas profissões. Cada palestrante falou por vinte minutos e, em seguida, os alunos faziam suas perguntas sobre os prós e contras de cada profissão. Mesmo os que ainda estão

indecisos sobre o caminho profissional a seguir disseram estar bem mais orientados depois deste trabalho realizado.

A partir da realização destas estratégias, é possível apresenta algumas reflexões sobre o desenvolvimento deste trabalho, sua validade e sugestões para o aprimoramento desta problemática em outros estabelecimentos de ensino, como apresentaremos na seqüência deste trabalho.

DESENVOLVIMENTO

O efeito simbólico dos títulos que a escola confere, traz sérios problemas de adaptação social do educando que, se por um lado busca se tornar um cidadão crítico e transformador social, por outro, se vê perdido com as mais variadas informações e orientações ideológicas. Neste sentido, CANIVEZ (1991) nos diz o seguinte sobre o diploma escolar:

> O título escolar (e a cultura que supostamente ele garante) é tacitamente considerado - por seus detentores tanto quanto pelos outros – como título legítimo para exercer a autoridade. Em conseqüência, a instrução funciona como princípio de seleção, já que confere "certificados de legitimidade". Ela fundamenta e legitima a desigual participação na democracia eleitoral e, tendencialmente, toda a divisão do trabalho. (CANIVEZ: 1991, p. 62)

O próprio autor (p. 63), complementando, afirma que o jovem, na busca de realização de seus ideais de vida, incluindo a carreira profissional, se vê num mundo onde a concorrência profissional é acirrada e vence quem melhor se adaptar ao mercado de trabalho. Levando em conta a importância do tema tratado, já que na maioria dos casos é o momento de uma escolha prematura para o futuro profissional do jovem, direcionamos aqui um trabalho voltado à formação crítica do educando, esta formação deve "lançar" ao mercado um jovem que saiba compreender a cidadania como um anteparo ao conformismo em relações às questões sociais que o Estado "camufla e perpetua, em proveito de uns e prejuízo de outros" (Ibidem, p. 63).

Verifica-se, assim, que a escolha do curso superior pelos concluintes do ensino médio não é uma tarefa fácil. TOZZI (2004) resume bem essa questão ao afirmar que,

> (...) em tempos de inscrições para o vestibular, é fácil constatar uma dúvida que persegue boa parte dos candidatos: que profissão escolher? Em geral, trata-se de uma escolha quando ainda o estudante não tem domínio das questões básicas em relação à futura profissão. Com 17 ou 18 anos de idade, em média, esta é certamente a decisão mais difícil que irá tomar na vida. Recém saída da adolescência, a maioria carece de segurança emocional e vivência profissional. (p.64)

A escolha da profissão definirá, sem dúvida, uma escolha do tipo de vida profissional, pessoal e familiar que se vai estabelecer, mesmo sabendo que tal decisão poderá ser alterada no decurso da vida, tem que ser muito bem analisada.

O autor salienta ainda que, para complicar este processo, há muitas influências que os jovens sofrem neste momento: os valores de família, o status creditado a algumas profissões, as confusões entre atividades de lazer e profissão. Existem, ainda, as profissões consideradas da moda e a preocupação com o mercado. Atualmente, alunos do Ensino Médio já estão assombrados pelo fantasma do desemprego. A dificuldade de conseguir trabalho depois da formatura acaba pesando na escolha da profissão

O problema da indecisão e as dificuldades dos alunos do Ensino Médio em relação às suas escolhas para o Ensino Universitário se assentam no fato de que a sociedade impõe a necessidade dos estudos, de uma formação superior, mas não proporciona um bom preparo aos alunos no processo decisório profissional. CANIVEZ (1991, p. 60) nos diz que "a participação dos indivíduos na vida política depende de seu desempenho escolar, isto é, de uma certa cultura". Por isso, os profissionais da educação devem clarear significados e intenções desta "certa cultura" aos educandos. Na maioria dos casos, a universidade é o melhor caminho para se atingir um patamar superior de fundamentação e certificação, não sendo isto garantia de sucesso e dinheiro fácil, mas condição mínima de um emprego razoável na sociedade em que vivemos.

Por muito tempo, e em muitos casos, ainda hoje, os alunos acreditaram que o Ensino Médio lhes basta para atingir as competências necessárias para conseguir um emprego e manter certa estabilidade financeira. Segundo KUENZER (2001, p.10), temos conhecimento de que "escola é espaço de apropriação de saber socialmente produzido e não de desenvolver competências para o trabalho, pois estas se desenvolvem no próprio trabalho". Tomando esta linha, podemos estendê-la ao Ensino Universitário, onde acreditamos que os saberes científicos se ampliam mais ainda e, por conseguinte, os alunos devem buscar mais fundamentação para atuar neste mundo do trabalho. O valor da escola é mais que a mera aquisição de conhecimentos para os jovens.

Segundo MALACARNE (2007, p. 03):

> É importante considerar que a escolha profissional está condicionada as diferentes influências, entre as quais estão as expectativas familiares, as situações sociais, culturais e econômicas, as oportunidades educacionais, as perspectivas profissionais da região onde reside e as próprias motivações do sujeito. Se estes aspectos não são levados em consideração, pode haver frustrações profundas no indivíduo e na sua relação com o mundo do trabalho.

É, assim, de fundamental importância que os estudantes tenham orientação adequada sobre as diferentes áreas de atuação e tendências das diversas profissões e este (também) é um dos papéis da escola e dos profissionais da educação.

DEFASAGENS EDUCACIONAIS

Nos vários estudos referentes aos alunos que ingressam no Ensino Superior constata-se que, de fato, muitos concluem o Ensino Médio com muitas dificuldades na educação básica. Tomemos, como exemplo, a área de Ciências Exatas, onde, segundo MALACARNE (2007, p.07), observa-se que:

> O mercado de trabalho está cada vez mais amplo, com vagas nas empresas e no ensino. Destaca-se como exemplo nesta área, o curso de Engenharia Civil, que é responsável por todas as atividades relacionadas ao processo de construção, desde o projeto, em associação com o arquiteto, ao acabamento final, cuidando da mão-de-obra, do material e ainda das normas regulamentadas. Pode, ainda, desempenhar funções tanto no setor público como no privado, trabalhando normalmente como prestador de serviços, entre outros.

Ainda com relação à área de Engenharia, TOZZI et. al (2007, p.171) aponta deficiências no ensino médio:

> No Brasil, o Ensino Médio vem apresentando deficiências que repercutem de forma negativa tanto na opção dos alunos pelos cursos de engenharia, como no nível de preparo de boa parte dos ingressantes nesses cursos. Em certa medida, essas dificuldades estão relacionadas a abordagens pouco estimulantes empregadas no Ensino Médio em disciplinas como Física, Matemática, Química e Informática. Por isso é importante buscar metodologias que permitam motivar os professores do nível médio e despertar o interesse dos alunos por essas disciplinas, capacitando-os adequadamente para uma eventual opção pela Engenharia.

Cabe aqui lembrar que a defasagem é grande em todas as áreas de formação, sendo o curso acima citado apenas um exemplo. Um dos desafios dos educadores, além de usar metodologias estimulantes, é trabalhar com os alunos do Ensino Médio todo o contexto sócio- político que os faça compreender e questionar o porquê de até hoje a escola pública estar tão distante de uma educação crítica. Quem está diariamente no convívio com esses alunos percebe a sede de conhecimentos que a maioria deles possui e muitas vezes não consegue atingir devido à má estruturação curricular ou mesmo falta de fundamentação para lidar com estas questões.

Sabe-se que “a educação superior reorganiza-se em grande medida segundo a lógica do capital e controle rígido do Estado” (SGUISSARDI, 2000, p.170) e que este, por sua vez, se reorganiza segundo a lógica privada (mundialização do capital). Assim, é fundamental levar aos alunos do Ensino Médio, potenciais ingressantes ao Ensino Superior, o conhecimento da realidade ideológica em que estão inseridos e as várias maneiras de atuar neste contexto. Cabe aqui ressaltar o problema da falta de letramento em grande parte dos alunos concluintes do Ensino Médio hoje.

Sendo o aluno ainda imaturo, em muitos casos, para decidir seu futuro profissional, percebe-se, pela prática, que muitos mudam a caminhada universitária ao perceber, durante o curso, que a opção escolhida nada tinha a ver com suas expectativas. Daí a importância de uma avaliação séria que indique pontos fortes e fracos dos alunos, uma avaliação que não seja estereotipada e sim que leve em conta todas as habilidades dos alunos. DELORS (1999, p.139) afirma que:

> A orientação supõe uma avaliação baseada num conjunto sutil de critérios

> educativos e de previsão da futura personalidade do adolescente. A escola deve chegar a uma idéia correta das potencialidades de cada aluno e, sempre que possível, os jovens devem poder recorrer a orientadores profissionais que os ajudem na escolha dos estudos a seguir (tendo em conta as necessidades do mercado de trabalho), no diagnóstico das dificuldades de aprendizagem e que apóiem certos alunos na resolução de eventuais problemas sociais. A responsabilidade do ensino secundário é, pois, imensa porque é muitas vezes durante essa fase da vida escolar que o futuro do aluno ganha forma. Deve, pois, abrir-se mais ao mundo exterior, permitindo que cada aluno corrija o seu percurso em função da sua evolução cultural e escolar.

Além disso, cabe observar que conhecimento elaborado está cada vez mais se sobrepondo aos recursos materiais (enquanto fator de desenvolvimento), pois com todas as novas tecnologias há que se ter profissionais mais bem preparados para lidar com as mesmas. O mesmo autor (p.140) afirma que o "ensino superior é, em qualquer sociedade, um dos motores do desenvolvimento econômico e, ao mesmo tempo, um dos pólos da educação ao longo de toda a vida." Como já foi arrolado anteriormente, por todas as regiões do país se abrem mais portas para o ensino superior, as inscrições mais do que triplicaram nos últimos anos, porém há grandes desigualdades no acesso e permanência dos estudantes nas universidades. Remetemo-nos novamente ao autor (ibidem, p.141), que diz:

> Agora que o ensino superior é cada vez mais pressionado a preocupar-se com os aspectos sociais dá-se também cada vez mais valor a outros atributos preciosos indispensáveis das universidades como sejam a liberdade acadêmica e a autonomia institucional. Embora não ofereçam uma garantia de excelência tais atributos são, sem dúvida, uma condição prévia para tal.

Tendo em vista a importância deste passo, que é escolher a profissão a seguir, o adolescente sofre grandes influências dos familiares que, com as melhores intenções, acabam influenciando nas suas escolhas. "Nessa fase, ao mesmo tempo em que está tentando entender o mundo e construir a própria vida, o jovem tem que escolher um caminho que pode determinar toda sua existência" (VELLOSO e MARTÃO, 2002, p. 06).

Em meio a toda esta turbulência, o jovem também é influenciado por outros fatores, como busca por melhores salários e profissão da moda. Também há aqueles sonhos de infância que dão a muitos, precocemente, a certeza de uma vocação (o que, às vezes, percebe-se como equívoco depois de ingressar na universidade).

O jovem deve ser orientado sobre a empregabilidade, que é diferente de emprego. Luiz Carlos Queiroz Cabrera, professor da Fundação Getúlio Vargas, define empregabilidade como "capacidade que um indivíduo desenvolve de acumular e manter atualizadas suas competências, rede de relacionamentos e o conhecimento, de forma a ter sempre em mãos a decisão final sobre seu projeto de carreira" (Op. cit. VELLOSO e MARTÃO, 2002, p. 06)

Estando diariamente no convívio pedagógico com os alunos do Ensino Médio no Colégio Estadual Eduardo Suplicy podemos constatar que as considerações feitas pelos autores estudados são pertinentes ao que ocorre naquela escola: muitos jovens indecisos e com uma formação básica que deixa a desejar. Não nos cabe achar os culpados, mas encaminhar orientações pedagógicas que facilitem a melhoria da qualidade neste processo.

Alguns questionamentos podem ser feitos, a título de orientação, para profissionais da educação. São eles:

1) Por que é importante que o professor ajude na orientação do aluno na escolha do curso superior ou profissionalizante, já que existem tantas informações sobre profissões fora da escola?
2) Por que muitos alunos parecem não se preocupar com os estudos, estão alheios a tudo, parecem apenas se preocupar com as certificações e notas?
3) Você já se sentiu impotente, vendo que mal consegue convencer seus filhos ou familiares da importância dos estudos? Quanto aos seus alunos?
4) Os alunos do Ensino Médio têm consciência do que é estratificação social e suas conseqüências para a sociedade e especificamente para a educação nas escolas públicas?
5) Quais são os critérios utilizados na seleção do conhecimento sistematizado e usualmente ministrado em sua escola?
6) Quais são os contextos políticos e socioculturais privilegiados nas práticas escolares e com que visão de sociedade se comprometem?
7) Como os professores articulam o saber escolar com o saber do aluno?
8) Como os educadores orientam os alunos com respeito às prováveis escolhas profissionais? Quais os princípios usados na construção do conhecimento com rigor científico?

Pode-se refletir que o caminho é muito complexo e que não são simples orientações para a escolha universitária que estão em jogo. Há uma trama social muito grande a ser refletida, refeita, reorganizada.

Este trabalho nos faz refletir e considerar alguns itens, quais sejam:

- O currículo deve contemplar as novas demandas que o mundo contemporâneo traz para as escolas.
- A escola deve construir sua identidade e autonomia e de seus profissionais, cumprindo suas responsabilidades inerentes ao seu trabalho de boa qualidade
- As propostas do Projeto Político e dos Planos de Ação dos professores devem se efetivar no

processo de ensino aprendizagem

- Deve haver interação entre o que e como ensinar e aprender
- A construção curricular deve ser crítica.
- O aluno de escola pública deve ter condições de acesso ao conhecimento elaborado para poder transformar conscientemente a realidade social
- Deve haver unidade de atuação entre os profissionais da escola, a partir de sua orientação por princípios e objetivos comuns.
- Também deve haver parâmetros orientadores para a coordenação pedagógica, a ação docente, a capacitação dos professores e verificação da efetividade do trabalho do educador.
- Os profissionais da educação, além de todo o preparo necessário citado, devem acreditar e investir na formação escolar dos alunos. Afinal, o reforço positivo é condição necessária à auto-estima e segurança do educando, fator este que é fundamental no momento de decidir seu futuro profissional.

DIALOGANDO COM OS PROFESSORES SOBRE DIÁLOGO COM ALUNOS

Observou-se que um fator interessante é o diálogo processual com os alunos nas etapas de implementação de qualquer projeto. Muitos alunos conseguem entender que apenas possuir o diploma não é o fundamental, mas sim compreender todo o processo que se vivencia para obtê-lo, processo este que os torna mais críticos, mais “antenados” com o que acontece na sociedade e mais aptos a enfrentar as “evoluções sociais”. Em muitos casos, eles vêem o colégio como uma instituição paternalista e os cursinhos pré-vestibulares (que alguns fazem além do colégio) como instituições cheias de truques e acreditam que entrar numa faculdade é diferente de tudo isso. Para eles não há paternalismos nem truques no mundo acadêmico.

Os professores ainda têm uma “lasca” de saudade do tempo em que bastava ter o título de professor e sair desfilando os conhecimentos com desenvoltura. A nova dinâmica social e as conseqüentes mudanças no mundo do trabalho estão atropelando o tempo necessário para um bom ensino. É preciso renovar os arsenais de instrumentalização didática, dinamizando as aulas e aproveitando melhor os novos recursos disponíveis. Por outro lado, os educandos admitem que precisam aprender a valorizar mais o conteúdo do que sua forma. O mais importante não é ser professores “show”, com aulas “espetáculos”, cheias de macetes para decorar fórmulas ou períodos literários, mas sim os próprios atores do processo de educação. Não se desmerece aqui as estratégias divertidas de se ensinar, apenas lembra-se que a educação deve ocupar seu lugar pela própria função

pedagógica e não pela sua forma, como já foi citado.

Embora muitas vezes não pareça, o caráter profissional do professor marca mais os alunos do que suas estratégias de aula. Mesmo que por pouco tempo, os professores são espelhos onde os alunos se miram. Em meio a esta realidade não podemos deixar de falar no currículo oculto.

Conforme BAZZO e PEREIRA (2009, p.28), “Talvez nem os professores se dêem conta do potencial formador dos corredores por onde passam distraídos todos os dias. Mas desconfiamos que existem escondidos fora das salas de aula, conhecimentos que perambulam à disposição de mentes alertas.”

Na verdade, quanto mais informal o ambiente (e isso vale pra nós educadores também), mais francas e autênticas se tornam as conversas. Muitos alunos expressam, nessas situações, suas angústias e dúvidas sem medo de errar na concordância verbal, de perguntar o que parece óbvio ou até mesmo de ser alvo de gozações de alguns colegas mais imaturos. Neste momento é que muitos conseguem formular melhor o que querem dizer. Daí a importância de interagir com os alunos nessas conversas informais também.

SOBRE A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS

Os alunos costumam idolatrar Einstein ou Leonardo da Vinci com suas grandes invenções, mas esquecem de considerar que eles precisaram estudar e trabalhar muito para chegar às suas maquinações fantásticas. Eles, de fato, dominavam as bases de sua área de formação, sabiam o que estavam fazendo. Para tal intento é patente a necessidade de que se desenvolva ainda em tenra idade escolar a compreensão do valor dos conteúdos escolares. Dentre outras funções, surge aí importância da alfabetização e letramento para a formação do cidadão.

Para os alunos do ensino médio é mister que antes de querer galgar qualquer área específica, se entenda que sem a base de sustentação teórica, a prática profissional, seja ela qual for, não se firmará por muito tempo. Os alunos, por vezes, criam certa compreensão que os leva a achar os estudos uma coisa muito chata. Vendo tudo como uma obrigação, as coisas se tornam mais chatas mesmo. Para destacar-se nesta sociedade atual, tal como ela está moldada, há a necessidade de, pelo menos, estar em condições de compreendê-la em seus meandros, ter um diferencial para poder sonhar e driblar as dificuldades; e isto deve ser desenvolvido no processo educativo dos alunos. Bazzo e Pereira (2009, p.38) expressam muito bem a importância do estudo hoje, “Uma coisa é certa: o que seremos amanhã é fruto direto do que fazemos pela nossa formação hoje. E nem sempre um projeto de felicidade passa pela necessidade de ser rico e poderoso. Embora isso possa ajudar”.

Muitos alunos na atualidade parecem desenvolver uma nova espécie de candidato às universidades: o estudante que entende que mais importante do que decorar informações ou ser exímio usuário das novas tecnologias, é compreender as dinâmicas culturais, técnicas e sociais em que está inserido para poder modificá-las para melhor. No fomento desta perspectiva vale ressaltar novamente sobre a importância de alunos motivados com professores preparados para enfrentar novidades e entendimentos mais realistas do processo educativo. Cabe, neste sentido, aos professores levar os alunos a entender que a descoberta ou construção de novos conhecimentos é um processo pessoal, no qual o estudante deve se enquadrar por motivação própria.

Quando o assunto é avaliação, é grande a polêmica. É difícil para qualquer professor consciente e bom profissional ter certeza para afirmar se seu aluno aprendeu 5,8 ou 6,0 de sua matéria, por exemplo. Avaliações nem sempre são justas ou tão precisas. Mesmo nos vestibulares, em grande parte com novo formato (ENEM, PEIES etc.), ainda funciona o processo de exclusão. A tentativa de deveria ser de avaliar o como o aluno lida com o conhecimento e não do acúmulo destes, nem sempre é difundida. Desta forma torna-se necessário que o aluno esteja preparado para lidar com tais situações típicas em qualquer processo de busca por vaga, por exemplo, em vestibulares concorridos. Enfim, enfrentar esta atividade com a mesma naturalidade que enfrentará tantas outras em sua vida profissional, tendo na escola uma parceira neste processo de, de posse do conhecimento historicamente construído, almejar uma carreira profissional.

REFLETINDO SOBRE QUEM É O ALUNO, AFINAL

Não há como generalizar o perfil dos alunos que estão concluindo o Ensino Médio, mas, no geral podemos perceber que, mesmo confusos e cheios de indecisões, muitos deles compreendem que lutam para ser o que querem, mesmo sendo por muitas vezes, apenas o que outros estão querendo que eles sejam. Eles percebem que a grande decisão é deles, mas que suas atitudes em aula interferem, e muito, neste processo. Aproveitar os momentos educativos de sala de aula pode ser fascinante.

Cada vez mais é visível a necessidade de exercitar a mente, se envolver num discurso vivo sobre cada assunto abordado em aula. Quanto maior a participação ativa do aluno nas aulas, maiores as chances de ele estar seguro na hora de escolher o curso universitário a seguir. Na verdade, o fato de sair da aula com mais dúvidas do que quando se entra nela, é um indicativo de que, pelo menos, pode estar ocorrendo um reconhecimento do terreno, se está travando algum contato útil com ele. O aluno sente que apenas participar das aulas para “cumprir tabela” é desastroso, tanto quanto acreditar que pode se dar bem sem elas.

É possível observar também, que a crença de um ensino baseado somente em aulas formais,

expositivas, com professores “show”, e alunos estudiosos, obedientes e sempre bem comportados, está se extinguindo. Nosso aluno hoje cobra uma adaptação, por parte da escola, aos novos tempos, dinâmicos, complexos e competitivos. Estes ajustes deverão ocorrer com alunos e professores.

Percebemos um número significativo de alunos que, mesmo às vésperas de um vestibular, ainda apresentam vários discursos para justificar suas faltas. Muitos desses “rebeldes” pensam que os professores e a escola estão errados e que só eles estão certos. Enquanto esta batalha não apresenta vencedores, nada mais proveitoso para o ensino formal, do que as aulas. Portanto, é com elas que temos lidar e aperfeiçoar, tornando-as o mais interessante possível para os alunos.

O aluno necessita sair do Ensino Médio com a consciência da imersão que deverá fazer no Ensino Superior: participar das aulas, discutir com professores e colegas de estudos, conhecer a universidade, outros centros de estudo, laboratórios, áreas de lazer, participar de diretórios acadêmicos, freqüentar palestras e cursos extracurriculares, estudar outras línguas, tornar-se um habitual freqüentador das bibliotecas, trabalhar em grupos de pesquisa, etc.

ASPECTOS DOS CONHECIMENTOS E DA FORMAÇÃO

A universidade, sem sombra de dúvidas, é um dos locais mais propícios para conquistar algumas das ferramentas indispensáveis para enfrentar o mercado de trabalho: é esta visão que os alunos devem ter ao ingressar no ensino superior. Por outro lado, o diploma, que apoiar o indivíduo na sua vida profissional, não garante uma colocação estável ou eterna no mercado, nem mesmo num emprego específico. O que se sabe é que o cidadão bem formado, seja qual for o curso, é que tem maiores chances de se dar bem. Os que têm a capacidade de, além do diploma universitário, buscar informações e saber lidar com elas num mundo extremamente dinâmico, ganha pontos e melhores ocupações. Considerando que o aluno escolhe (ou deveria escolher) um curso que corresponde aos seus anseios, acredita-se que o diploma será significativo sim, porém, num mundo profissional em constante mudança, ele precisa de algo mais.

O mercado torna-se cada vez mais exigente quanto à capacidade do diplomado usar bem seus conhecimentos, por outro lado nota-se que cada vez menos a atividade que ele vai desenvolver tem a ver unicamente com os conhecimentos advindos do curso universitário. Nesta perspectiva, o aluno deve estar preparado para desenvolver a capacidade de entender o mundo e se entender dentro dele. Apenas ter as informações não significa muito. É preciso buscá-las, compreendê-las e trabalhá-las. A formação do aluno deve lhe dar esta possibilidade de flexibilidade profissional, afinal, em quatro anos tudo poderá estar completamente diferente de hoje no tocante ao mercado de trabalho.

CONCLUSÃO

Diante do aluno que temos o sistema educacional não pode estacionar. A quebra de paradigmas e a superação de conceitos ultrapassados precisa ser uma constante, assim como a reflexão sobre as diversas posições antagônicas que se apresentam no cotidiano da escola.

Há um novo perfil de aluno nas escolas: aquele que compreende que não basta estar quietinho e passivo em sala de aula, mas que também precisa participar, argumentar e dominar os conteúdos científicos para participar deste mundo em constantes transformações. Para tal aluno já não é suficiente as aulas "show", que os fazem decorar conceitos apenas para tirar boas notas em provas. Ele entende que a compreensão e utilização adequada das informações é condição fundamental para se situar em um curso superior e no mercado de trabalho.

Para lidar com este perfil de aluno os professores precisam estar preparados para trabalhar com o emocional destes, além da constante atualização sobre empregabilidade, orientação vocacional, trabalho em equipe e realidade político-educacional e, não menos importante, desenvolver estratégias para orientar os alunos em meio a este turbilhão de transformações, principalmente quando o foco é continuidade do processo de formação via Universidade ou suas similares.

Este trabalho tentou mostrar que vale a pena desenvolver estratégias que estimulem o aluno a querer aprender os conteúdos escolares já com o pensamento voltado para uma seqüência de formação via mercado de trabalho. Educadores e educandos ainda acreditam na educação como principal meio para ascender profissionalmente, apesar de todas as contradições sociais. Nesta perspectiva é possível aos professores ajudar no processo de orientação voltado a continuidade dos estudos dos alunos do Ensino Médio, basta estar preparado e disposto à busca de instrumentais que efetivem esta realidade. Não há fórmulas mágicas nem se pode dizer que tudo corre às mil maravilhas neste processo. Evidentemente há casos de alunos e professores mal preparados e pouco interessados, casos estes que requerem uma atenção ainda maior com vistas a mudanças.

No decorrer das atividades que antecederam este trabalho, e que aqui foram apresentadas, realizadas com alunos e professores do terceiro ano do Ensino Médio do Colégio Eduardo Suplicy, constatou-se que muitos daqueles que compõem a comunidade escolar estão em busca de formação de boa qualidade e consequentemente melhor preparo para dar continuidade à sua formação após o término dos estudos médio: é na formação destes alunos que pretende-se continuar investindo.

Espera-se que este artigo sirva como auxílio para reflexões de educadores e educandos e conseqüente melhoria no processo ensino-aprendizagem e no processo de escolha dos alunos para o ensino profissionalizante ou superior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANIVEZ, P. **Educar o cidadão?** São Paulo: Papirus, 1991

.

COLL, C. **Construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Atual, 1996.

DELORS, J. **Educação, um tesouro a descobrir** - Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez, 1999.

KUENZER, A. **Conhecimento e competências no trabalho e na escola**. Material pedagógico, 2001. Disponível em: **http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/PDE, Textos e Vídeos/Artigo.** Acesso em 01 ago.2008.

MALACARNE, V. et al. A escolha profissional e Ensino Superior: uma experiência a partir da educação de jovens e adultos. In**. Anais da XIX Semana de Educação.** Cascavel, 2007. p. 01-10.

PEREIRA, L. e BAZZO, W**. Anota aí! Universidade: Estudar, aprender, viver...** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

SGUISSARDI, V. **Educação superior - velhos e novos desafios.** São Paulo: Xamã, 2000.

TOZZI, M. **Escolha da Profissão**. Revista Engenharia e Construção, nº. 88, p. 10 e 11, janeiro de 2004.

TOZZI, M. et al. **Novos paradigmas na educação em engenharia.** Curitiba: ABENGE, 2007.

VELLOSO, P. e MARTÃO, W. **Guia das profissões –** São Paulo: UNESP, 2002.